



Budismo Tibetano:

A escola Nyingma e seus elementos fundamentais

Igohr Brennand¹

1. Introdução

O budismo, ao que demonstram algumas fontes históricas, teria adentrado o território do Tibete pela primeira vez por volta do século V d.C. Porém, continuam as fontes, a civilização tibetana e seus habitantes ainda não estavam prontos para receber a enorme carga “civilizatória” que a doutrina do dharma trazia consigo. A este respeito, apoiamo-nos nas palavras de Dudjom Rinpoche (2002, pg.393):

“The fact of the matter was that in the middle part of the first millennium Tibet was an island in the midst of a Buddhist sea. In India the great monastic universities of the Gangetic plain were at the height of their development. In China Buddhist learning and devotion had acclimatised themselves to an East Asian environment, and, all along the great trade routes linking China to India to the West, wealthy oases patronised the spread of the genuine doctrine (saddharma). So during the seventh century when Tibet, under the leadership of King Songtsen Gampo, burst onto the international scene as a full-fledged empire, she found the unifying feature throughout the known civilised world to be Buddhism. Songtsen Gampo is revered in Tibet as the father of Tibetan Civilization as we know it. He gave his people law and literacy, and improved technology and a new range of occult skills. Most of all, however, he gave them the basis for the growth of the universal religion of the Tathagata, which reached its first fruition during the reign of Songtsen Gampo’s descendant Trhisong Detsen.”²

¹ Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista da CAPES. Membro do grupo de pesquisa PADMA (UFPB/CNPQ). Desenvolve pesquisas acerca dos temas: filosofia budista; história da escola Nyingma; história da religião Bön; Dzogchen.

² “O fato da questão é que na metade do primeiro milênio d.C. O Tibete era uma ilha no meio de um mar budista. Na Índia, as grandes universidades monásticas das planícies do Ganges estavam no auge de seu desenvolvimento. Na China, o aprendizado budista e a devoção se tinham aclimatado para um ambiente de uma Ásia Oriental, e, ao longo das grandes rotas comerciais que fluíam da China para a Índia, e para o Ocidente, ricos oásis financiaram a propagação da doutrina verdadeira (Saddharma). Então, durante o século VII, quando o Tibete, sob a liderança do rei Songtsen Gampo, estourou na cena internacional como um império de pleno direito, ele encontrou a característica unificadora conhecida em todo o mundo civilizado como sendo o budismo. Songtsen Gampo é reverenciado no Tibete como o pai da civilização tibetana tal como a conhecemos. Ele deu ao seu povo a lei e alfabetização, uma tecnologia melhorada e uma nova gama de habilidades ocultas. Acima de tudo, no entanto, deu-lhes a base para o desenvolvimento da religião universal do Tathagata, que alcançou sua primeira fruição durante o reinado do descendente de Songtsen Gampo, Trhisong Detsen.” Trad. Nossa



A história da chegada do budismo ao Tibete costuma então a ser definida como tendo duas principais fases de transmissão. A primeira fase, geralmente associada ao rei Songtsen Gampo (650 d.C.), foi marcada pelos primeiros contatos do budismo com o território Tibetano feito de forma oficializada, e também com as religiões que ali já se encontravam presentes. Esta primeira onda do budismo, segundo Peter Harvey (apud LAUMAKIS, 2010) foi marcada pela combinação do budismo Mahayana³ (de bases monásticas) trazido inicialmente pelo monge indiano Santaraksita, com as práticas místicas e tântricas trazidas para o Tibete pelo famoso iogue Tibetano, Padmasambhava⁴.

A análise da figura de Padmasambhava possui caráter central para a compreensão do budismo que viria a se desenvolver posteriormente, no reino do Tibete Central. A questão acerca de sua vida e aos feitos atribuídos a ele, assim como também os elementos tântricos que foram trazidos por ele ao Tibete, ainda é amplamente discutida hoje em dia, seja em meio acadêmico ou dentro do desenvolvimento dos estudos nas próprias escolas budistas.

Após esta primeira fase da transmissão do budismo a mando do próprio rei, o budismo tibetano entra em decadência devido a um período de instabilidade política, que se estende do século IX d.C. até meados do século X. Nos relata Dudjom Rinpoche (2002, pg. 394)

“These new developments did not, however, meet with the approval of all factions of Tibetan society and a reaction set in. Relpacen was assassinated in 841 (or 838) and his Elder brother Langdarma, who detested Buddhism, ascended the throne. The later persecuted the monastic establishments until, not long after, he himself was assassinated. The ensuing chaos culminated in the final collapse of the dynasty and the end of the Tibetan empire. Despite the hardships a few dedicated Tibetan monks did manage to keep their faith alive during that troubled age. Also, married yogins, who lived within the

³ O termo Mahāyāna significa literalmente “grande (maha) veículo (yāna)”. Trata-se da forma de Budismo que se desenvolve na Índia por volta do século II d.C.

⁴ Padmasambhava significa “aquele que nasceu do lótus”. Padmasambhava é a figura responsável pela introdução das práticas tântricas budistas em solo Tibetano. A ele teria sido creditada a incrível façanha de transformar os antigos demônios da tradição Bön em sagrados guardiões do dharma. A figura de Padmasambhava permanece rodeada de mistérios e lendas. A ele seria também creditada a fundação da mais antiga escola do budismo Tibetano, Nyingma.



community and had suffered less in the persecutions, preserved all they could of Buddhist learning and lore.”⁵

No entanto, mesmo neste período em que o budismo enquanto instituição monasticamente organizada sofre neste período de turbulência, continuam florescendo práticas de caráter popular, que em muitos casos, passam a mesclar elementos budistas com aqueles das outras religiões que também encontramos em território tibetano naquela época. Isso se deve ao fato de que os mosteiros e, conseqüentemente, as práticas mais oficializadas estavam intimamente ligados ao governo, e sofreram com mais força neste período de instabilidade política. Assim, devido à natureza destes acontecimentos, justamente a forma tântrica de budismo teve maior difusão e aceitação durante este período, pois se assemelhava de certa forma às práticas desenvolvidas, em certos termos, pelas antigas religiões locais. Assim, o budismo com ênfase nas práticas tântricas de origem indiana teve fundamental importância na mediação entre as duas fases da implementação do dharma no Tibete. (LAUMAKIS, 2010)

A segunda fase de transmissão ocorreu entre meados do século X d.C. e o século XI, sendo marcada pelo grande influxo de monges e sábios indianos. Nesta fase, a figura de Atisha (982-1054) adquire grande importância, justamente por ser ele um mestre indiano de grande erudição, que teria reintroduzido o budismo monástico no Tibete após o período anterior de instabilidade política. Sua presença foi fundamental para o posterior desenvolvimento de diversas escolas dentro do budismo Tibetano.

2. A escola Nyingma

⁵“Estes novos desenvolvimentos não conseguiu, no entanto, encontrar-se em aprovação de todas as facções da sociedade tibetana, e logo, uma reação se desenvolveu. Relpacen foi assassinado em 841 (ou 838) e seu irmão mais velho Langdarma, que detestava o Budismo, subiu ao trono. Langdarma perseguiu os estabelecimentos monásticos, até que, não muito tempo depois, ele mesmo foi assassinado. O caos que se seguiu culminou com o colapso final da dinastia e o fim do império tibetano. Apesar das dificuldades, alguns monges tibetanos dedicados conseguiram manter viva a sua fé durante essa época conturbada. Além disso, iogues casados, que viviam dentro da comunidade, sofreram menos nas perseguições, preservando tudo o que podiam do aprendizado budista.” (Tradução nossa)



Durante todo o processo de transmissão do dharma dentro do território Tibetano, ao longo dos séculos, formaram-se diversas escolas de pensamento. Tais escolas divergem e convergem em alguns aspectos essenciais da filosofia budista, e, também, possuem diferentes ênfases no que diz respeito às práticas tântricas. A escola Nyingma continuou utilizando elementos que têm sua origem atribuídos à antiga religião Bön, seja nas vestimentas utilizadas pelos sacerdotes nos rituais litúrgicos, ou até mesmo na prática do Dzogchen, considerada como sendo a prática mais importante em ambas as tradições (Bön e Nyingma). As principais escolas em representatividade dentro do Budismo Tibetano são Nyingma, Kagyu, Sakya, Gelug e Bön. Cada escola possui seus próprios monastérios, e suas próprias abordagens do dharma. Mais adiante iremos analisar uma abordagem prática e característica (porém, não exclusiva) da escola Nyingma: o dzogchen.

Trata-se de um sistema avançado de práticas que é reconhecido como sendo um destes elementos “herdados” da tradição Bön pelo budismo Tibetano. No âmbito deste artigo, nos interessa justamente analisar as principais características da escola Nyingma, seus ritos centrais, e sobretudo a prática do Dzogchen.

2.1 O mestre Padmasambhava

Ao mestre tântrico Padmasambhava é creditado o feito de ter pacificado os demônios que se encontravam furiosos logo que o monge Santaraksita iniciou, a pedido do rei Trisong Detsen, uma introdução sistemática da doutrina budista no reinado do Tibete Central. Sobre este processo de introdução do budismo no Tibete, por volta do século VIII, comenta Dudjom Rinpoche (2002 pg. 513):

“Just so, when Trhisong Detsen was thirteen he began to govern the kingdom. At twenty he made a solemn resolution to propagate the true doctrine and he invited to Tibet the Boddhisatva, Santaraksita, the preceptor from Sahor. The latter granted the eight vows to some, but when he taught the doctrines of the ten virtues and of the eighteen psychological bases, the savage demons and deities of Tibet became angry. Lighting struck Marpori [the “Red Mountain”, site of the present Potala Palace] and the palace at Phangtang was swept away by a



flood. The harvest was destroyed and great calamities befell the country. Evil minister said, "This is due to the practice of the doctrine. The máster should be banished to his own country". The king offered much gold to the preceptor and told him of the situation. Santaraksita replied, "The spirits of Tibet are displeased. I will go to Nepal for the time being. In order to subdue the savage spirits and demons of Tibet, there is a mantra adept called Padmasambhava, who is, at present, the most powerful in the world. I will send him an invitation, and Your majesty should do the same." So they sent messengers consecutively."⁶

Através da narrativa exposta acima, vemos, como nos dias de hoje, a imagem de Padmasambhava se constrói como peça essencial para a subsistência e difusão do budismo para o Tibete. Ele é tido como a figura fundadora do budismo tibetano. À ele também é atribuída a fundação da escola Nyingma, e várias linhagens de mestres dentro da mesma remontam a sua origem à figura de Padmasambhava. Guru Rinpoche (como o denominam em tibetano) também é reverenciado pelos monges e lamas das demais escolas do budismo tibetano.

⁶ "Sendo assim, quando Trhisong Detsen tinha treze anos ele começou a governar o reino. Aos vinte ele fez uma resolução solene para propagar a verdadeira doutrina e ele convidou para o Tibete o Boddhisatva, Santaraksita, o preceptor de Sahor. Este último concedeu os oito votos para alguns, mas quando ele ensinou as doutrinas das dez virtudes e das dezoito bases psicológicas, os demônios selvagens e divindades do Tibete tornaram-se irritados. O raio atingiu Marpori [a "Montanha Vermelha", local da presente Potala] e o palácio em Phangtang foi varrida por uma enchente. A colheita foi destruída e grandes calamidades se abateram sobre o país. Algum ministro disse: "Isto é devido à prática da doutrina. O mestre deve ser banido para o seu próprio país ". O rei ofereceu muito ouro para o preceptor e disse-lhe da situação. Santaraksita respondeu: "Os espíritos do Tibete estão descontentes. Eu irei para o Nepal por enquanto. A fim de subjugar os espíritos selvagens e demônios do Tibete, existe um adepto do mantra chamado Padmasambhava, que é, atualmente, o mais poderoso no mundo. Vou enviar-lhe um convite, e Sua Majestade deve fazer o mesmo. "Então eles enviaram mensageiros consecutivamente."



Fonte: Pintura representando Padmasambhava. Disponível em:
<<http://dzogchen.gr/en/files/2013/01/guruP.jpg>>

Muitos feitos são atribuídos à figura de Guru Rinpoche, porém, os mais importantes foram: o apaziguamento dos espíritos e demônios do Tibete, transformando-os, posteriormente, em guardiões do dharma (doutrina budista); trazer para o Tibete os elementos da prática do tantra, os quais foram assimilados às doutrinas exegéticas e monásticas trazidas por Santaraksita, formando assim, as bases da prática meditativa e da filosofia do budismo tibetano



3. Os elementos da escola Nyingma

3.1 A sangha

Dentro da escola Nyingma, podemos identificar duas categorias distintas de sangha: a comunidade de monges e monjas, e a comunidade de tântricos. Para aqueles que participam da sangha de caráter mais monástico, são exigidos votos de celibato, pobreza, solidão e diversos outros tipos de renúncias ao mundo material. Os tântricos, no entanto, vivem uma vida menos regrada pelas regras monásticas, ao passo que não precisam fazer tais votos de renúncia à vida mundana, ou até mesmo material. Porém, isso se deve ao fato de compreenderem tais elementos como meios que podem ser usados como apoio para a prática da realização.

Dentro das escolas do budismo Tibetano, a Nyingma é a única que possui este tipo de sangha que não parte do pressuposto das renúncias, dos votos de castidade, pobreza, etc. Todas as demais escolas: Kagyu, Sakya, Gelup, tem como um de seus pressupostos principais os votos acima mencionados. Como nos esclarece Tulku Thondup (1986, pg. 41):

Nyingmapas are the least interested in organizational structures, hierarchical formalities and theoretical dialectics. They are more interested in devoting their lives to being simple and natural; and they stress the application to their own minds of whatever they have studied. The simplest but highest and deepest teaching and training in the Nyingma is the Great Perfection meditation, known in Tibetan as Dzog chen, a meditation for bringing the mind to the ultimate ease, the natural and undeluded state. It is the swiftest and most extraordinary means to dissolve the phenomena of mental fabrication into the absolute nature, Buddhahood. Great Perfection practitioners are remarkable for their attainment of the result: they train themselves through natural means to achieve the ultimate natural state in a short time. Those who are trained and perfected in this practice, in addition to being normal, simple and easy to be with, possess clairvoyance, miraculous power, and wisdom of united bliss and emptiness. Many who have attained the realization of this practice dissolve their mortal bodies at death without leaving behind any remains, which is a sign that they have attained the fully enlightened state, Buddhahood.⁷

7 “Nyingmapas são os menos interessados em estruturas organizacionais, em formalidades hierárquicas e dialética teóricas. Eles estão mais interessados em dedicar suas vidas para serem simples e naturais, e enfatizam a aplicação para suas próprias mentes de tudo o que eles têm estudado. O ensinamento mais simples, mas mais alto e mais profundo praticado no Nyingma é a grande meditação da Perfeição, conhecida em tibetano como Dzog chen, uma meditação para trazer a mente para a “facilidade final”, o estado natural e sem ilusões. É o



Tais elementos desenvolveram-se dentro das bases da escola Nyingma, acredita-se, pelo fato de que, durante o período de declínio da doutrina budista após o século VIII (do século IX à meados do X). Muito da doutrina budista da época, sobreviveu graças às práticas que permaneceram existentes em meio popular, sobretudo na cultura dos yogins, cuja centralidade da prática estava na realização através da experiência, utilizando-se de técnicas tântricas, com menor ênfase nos elementos filosóficos e normativos (muito presentes na tradição monástica). Iremos, em seguida, analisar a prática considerada central para a escola Nyingma, assim como também para os praticantes da religião Bön, o Dzogchen. Muitos elementos presentes nas doutrinas do Dzogchen têm relação com a concepção da importância primária da experiência direta, dando maior enfoque à prática per se do que ao estudo sistemático da densa filosofia budista.

3.2 A prática do Dzogchen

O Dzogchen é uma prática que incorpora diversos elementos da tradição filosófica budista, sobretudo aqueles advindos da tradição do Mahayana, como a questão acerca de sunya (vacuidade) como sendo a essência última de todos os fenômenos condicionados. A este respeito, comenta Dalai Lama (2006, pg. 99)

“Qual é o verdadeiro significado da impermanência? É que qualquer fenômeno que dependa de causas e condições para sua origem deve ser impermanente, pelo motivo de que as mesmas causas e condições que propiciam sua existência também são as causas de sua desintegração e cessação. Todos esses fenômenos são momentâneos, no sentido de que

meio mais rápido e mais extraordinária para dissolver os fenômenos da fabricação mental sobre a natureza absoluta, o estado de Buda. Grandes praticantes da Perfeição são notáveis por sua capacidade de alcançar este resultado: eles são treinados através de meios naturais para alcançar o último estado natural em curto espaço de tempo. Aqueles que são treinados e aperfeiçoados nesta prática, além de ser normal, simples e fácil de ser realizada, possuem o do da clarividência, poderes miraculosos, e sabedoria que os leva a suprema bem aventurasse a e vacuidade. Muitos dos que atingiram a realização desta prática dissolveram seus corpos mortais com a morte sem deixar para trás qualquer vestígio, o que é um sinal de que atingiram o estado totalmente iluminado, o estado de Buda” (TULKU THONDUP, 1986, pg. 41-Trad.nossa)



todos passam por um processo de mudança de momento a momento, e não requerem condições secundárias para a desintegração. O simples fato de as causas e condições que os produzem serem as causas e condições suficientes para sua desintegração mostra que esses fenômenos devem ser, por natureza, momentâneos e impermanentes.”

Ao analisar estas premissas acima, compreendemos que o termo sunya, ou “vacuidade” não expressa a afirmação da “não existência” de objetos e fenômenos. Porém, ao analisar mais profundamente a natureza de sua existência, vemos que ela está condicionada a uma série de causas, que, assim como são a origem de sua existência, também podem passar a ser a origem de sua cessação. Tendo em vista as premissas explicitadas, a filosofia budista nos diz que os fenômenos são “vazios de existência inerente”, ou seja, são insubstanciais em sua essência. Continua Dalai Lama (2006, pg. 102):

“[...] Quando dizemos que os fenômenos são vazios, não significam que sejam não-existentes. Quando batemos na mesa sentimos dor, e essa dor é prova suficiente para nos mostrar que a mesa existe; essa simples experiência refuta e desmente qualquer concepção errônea de que a mesa seja não-existente. Assim, qual é o significado de que os fenômenos são vazios? Os fenômenos são vazios no sentido de que não possuem qualquer existência independente ou inerente. [...] Desse modo, existe uma discrepância, uma lacuna, entre como as coisas nos aparecem e como realmente são. Nós, seres ordinários, nos agarramos aos fenômenos como eles aparecem. Algo nos aparece como existindo de modo inerente, e não questionamos essa aparência superficial.”

Esta percepção da vacuidade inerente dos fenômenos e objetos materiais pode ser evidenciada de várias formas. Uma delas, é a compreensão através da análise analítica de premissas filosóficas, organizadas de forma lógica e coerente. A outra, se dá através da percepção e experiência direta em certos estados meditativos. Nos apoiamos nas palavras de Dalai Lama (2006, pg. 104):

“Como podemos exemplificar diferentes níveis de consciência em nossa experiência? Quando as percepções sensoriais como visão, audição e assim por diante estão ativas, estamos em um nível no qual o estado de nossa mente é bastante tosco. Comparado a isso, a consciência do estado de sonho é considerada muito mais sutil. Mais sutil ainda é o estado de consciência associado com experiências específicas como desmaiar, ou ficar inconsciente. O nível mais sutil de consciência é vivenciado na hora da morte. A abordagem singular encontrada nas práticas do Yoga Tantra



Superior é utilizar o nível mais sutil de consciência como um estado de sabedoria que realiza a vacuidade. Essa é uma abordagem muito veloz e profunda.”

Desta forma, caracterizamos o Dzogchen (também chamado de Atiyoga) como um conjunto de práticas que mantém um caráter central dentro da escola Nyingma, e é considerado o mais elevado dos veículos, responsável pela síntese geral e a mais pura compreensão dos conceitos tratados e experienciados nas práticas dos demais veículos. A prática do Dzogchen busca a evidenciação e a experiência direta da vacuidade através de diferentes técnicas e métodos. O Dzogchen possui dois aspectos: trekcho e togal. A prática do trekcho é a abordagem mais básica encontrada no Dzogchen, porém, antes de poder se dedicar a ela precisa-se passar por uma série de práticas preliminares. Outro elemento fundamental dentro da tradição do Dzogchen é a presença de um mestre experiente. Esta relação entre guru-discipulo é uma característica sobretudo das práticas de origem tântrica.

A escola Nyingma, assim como a tradição Bön divide os seus ensinamentos do Dzogchen em nove veículos. Estes nove estágios, estão por sua vez, divididos em três diferentes grupos. Os nove veículos são conhecidos como: Shravakayana; Pratyekabuddhayana; Bodisattvayana; Kriya Tantra; Charya Tantra; Yoga Tantra; Maha Yoga; Anu Yoga; Ati Yoga (Dzogchen). Cada veículo possui sua particularidade, e, dentro da tradição do Dzogchen, começa-se a prática através do Shravakayana, tendo como objetivo chegar ao ultimo estágio, o estágio do Ati Yoga.

Podemos evidenciar um dos aspectos mais peculiares do dzogchen através da descrição de Dalai Lama (2006, pg. 106-7 e 168)

“A base do Dzogchen é fundamentalmente a natureza de buda, o tathagatagarbha. Nas fontes da escola filosófica Madhyamaka, a natureza de buda é descrita em primeiro lugar como sendo a verdadeira natureza da própria mente. Sua natureza é a vacuidade, e existe um continuum de consciência, clara e perceptiva, que sempre esteve ali e que por fim atingirá o estado de buda. A natureza de buda é o fator fundamental que nos permite atingir o nível do estado de buda e os kayas do estado de buda. Na verdade, é isso que a base do Dzogchen significa. No contexto da base, podemos falar de um estado impuro no qual falha-se em reconhecer a verdadeira natureza da percepção clara e pura, rigpa. Em vez disso, sucumbimos à influência da própria energia e poder interno de rigpa e, quando essa energia não consegue ficar em seu lugar, escorregamos para



o controle – ou vamos atrás, mais exatamente – dos pensamentos que surgem. Visto que rigpa não consegue se sustentar por si mesmo, o resultado é o samsara. Por outro lado, se rigpa consegue se manter firme, sem sucumbir à influência dos pensamentos, é a base para o nirvana. Dado que a base de todo o samsara e do nirvana é encontrada na mente fundamental e inata de clara luz – rigpa-não-composto -, essa é a base para o Dzogchen. [...] Agora poderíamos nos perguntar: se essas várias abordagens das diferentes tradições vão enfim chegar todas na mesma experiência ou no mesmo ponto, porque se diz que o Dzogpachenpo ou Atiyoga é o pináculo dos nove yantras? A característica singular dessa abordagem, conforme já mencionei, é que no sistema de meditação do Dzogchen não se emprega os níveis grosseiros da mente, tais como pensamentos discursivos e conceituais. Em vez disso, desde o começo, faz-se a experiência da clara luz manifesta, quase como se fosse algo tangível – uma experiência direta, desnuda, de clara luz.”

A introdução ao estado de clara luz (rigpa) é um aspecto essencial da prática Dzogchen, daí a primordial importância da transmissão dos ensinamentos, e consequente introdução ao estado de rigpa por um mestre qualificado e realizado, capaz de induzir diretamente a mente do discípulo, através de suas características singulares, ao estado primordial. A comunicação dos ensinamentos através do mestre difere amplamente daquela realizada através de livros. Após haver ocorrido a introdução ao estado de base da mente, o estado da clara luz extremamente sutil e absoluta, faz-se necessário a continuidade da prática, tendo como objetivo manter este estado de rigpa nos processos de pós meditação.

Hoje em dia, devido a fatores como a diáspora cultural tibetana, os ensinamentos Dzogchen são dados de forma mais aberta do que nos tempos passados. Muitos mestres do Dzogchen expressam a sua preocupação com relação a que, se estes ensinamentos não forem pregados, em algumas décadas, poderia-se perder esta rica e importante tradição, que mantém-se tão importante dentro do legado espiritual tibetano. Dentro desta tradição de mestres que se estende até a figura fundadora de Padmasambhava, podemos citar nomes tais como: Khenpo Tsewang, Dongyal Rinpoche, Yangthang Tulku Rinpoche, Katok Getse Rinpoche, Khenpo Namdrol Rinpoche, Khenchen Tsewang Gyatso Rinpoche, Namkhai Norbu Rinpoche and Sogyal Rinpoche, dentre outros importantes nomes de mestres Dzogchen que ainda ensinam a doutrina nos dias de hoje.

4. Considerações finais

Vimos, primeira, através de uma abordagem histórica, como o budismo chegou ao Tibete Central, e quais foram as principais características deste período considerado como de “introdução” do budismo no Tibete. Muitas destas características são obtidas através de análises de textos históricos datando da época (do século VII ao X d.C.). Tendo em vista que o alfabeto tibetano tenha sido criado para a tradução dos sutras indianos para serem utilizados e pregados nos mosteiros tibetanos, as fontes históricas mais antigas são geralmente associadas a reinados adjacentes àquele do Tibete Central, como a China, principados no norte da Índia, e reinados que se estendiam mais à Oeste.

A questão acerca dos elementos fundadores da escola Nyingma permanece, sendo fiel às fontes originais, como contendo muitos elementos míticos misturados com fatos históricos. Um estudo mais sistematizados acerca da centralidade da figura de Padmasambhava é essencial para a compreensão dos diversos elementos filosóficos e práticos que viriam a se desenvolver no seio da escola Nyingma durante os séculos. Com o desenvolvimento das demais escolas (Sakya, Kagyu, Gelug), a própria escola Nyingma passou a enfatizar características que os definiam, sendo marcante a centralidade do fato desta ser a mais antiga de todas as escolas do budismo tibetano. A própria etimologia da palavra “Nyingma” sugere uma menção e referencia a algo como “os antigos” ou “escola da antiga tradução”.

Ao nos deparar com o campo da filosofia budista propriamente dita, vemos muitos pontos que podem ser ressaltados, e merecem ser desenvolvidos em um estudo futuro, mais direcionado a esta temática. A questão acerca da natureza dos elementos caracterizantes de rigpa e sua relação com os conceitos atribuídos a literatura do tathagatagarba, em especial, merecem ser foco de grande atenção nos estudos propostos pela área de “filosofia budista. Ao adolcescer tais ideias, fundamentais para a compreensão correta de muitos pontos da filosofia básica dos ensinamentos



budistas, podemos elucidar elementos tão importantes e discutidos acerca do Dzogchen. Porém, tais elementos não puderam ser apreciados em profundidade suficiente no presente estudo, e merecem ser alvo de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

DALAI LAMA, SS. Dzogchen: A essência do coração da grande perfeição. São Paulo: Gaia, 2006.

LOWESTEIN, T. A visão do buda: Filosofia e Meditação, O Caminho Para a Iluminação, Locais Sagrados. Köln: Taschen, 2001.

LAUMAKIS, Stephen J. Uma introdução à filosofia budista. São Paulo: Madras, 2010.

Hoffman, H. Religions of Tibet. Westport: Greenwood Press, 1979.

Tucci, G. The religions of tibet. Oakland: University of California Press, 1988.

RINPOCHE, Dudjom. The Nyingma School of Tibetan Buddhism: Its fundamentals and history. Somerville: Wisdom Publications, 2002.

RINPOCHE, Sogyal. O livro tibetano do viver e do morrer. São Paulo: Talento: Palas Athena, 1999.

NORBU, N. Dzogchen Teachings. Ithaca: Snow Lion Publications, 2006.

THONDUP, T. Hidden Teachings of Tibet: na explanation of the Terma tradition of Tibetan Buddhism. London: Wisdom Publications, 1986.